

DIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

2021.01.03

**DISCURSO SENHORA PRESIDENTE DO CONSELHO GERAL
DRA. GABRIELA FIGUEIREDO DIAS**

Magnífico Reitor, Prof. Doutor Amílcar Falcão

Senhores Vice-Reitores

Sua Eminência o Cardeal D. José Tolentino de Mendonça, vencedor do Prémio Universidade de Coimbra

Senhor Apresentante do Laureado, Prof. Doutor José Manuel Nascimento Costa

Senhor Presidente do Banco Santander, Dr. Pedro Castro e Almeida,

Digníssimas Autoridades civis, militares e religiosas

Caros Membros de toda a comunidade académica

Senhores Jornalistas

Minhas Senhoras e Meus Senhores

É com muita honra e um grande sentido de responsabilidade que participo, pela primeira vez, na abertura da cerimónia solene do Dia da Universidade, no dia em que celebramos os seus 731 anos de existência.

Falo-vos na qualidade de Presidente do Conselho Geral da Universidade de Coimbra, cargo para o qual fui eleita há 3 semanas. É, por isso, ainda muito recente o início destas funções, e limitada a avaliação que posso fazer da dimensão deste inesperado desafio, apesar de ter feito parte desta Universidade durante muitos anos, como aluna e como docente.

Sei, porém, que, para além das oportunidades e obstáculos que aqui se abrem e para além da magnitude deste projeto, passei a fazer parte, com toda a comunidade académica, daqueles que têm nas suas mãos a possibilidade de fazer diferente, e de fazer a diferença. E essa é, porventura, a maior das responsabilidades: a de fazer a diferença. Assumindo os 731 anos de história e de orgulho desta Instituição, e todo o seu património de conhecimento, competências e serviço, mas reconhecendo de forma tempestiva, e mesmo antecipando, as alterações de contexto e das dinâmicas internas e externas, que convocam a adaptação e reinvenção contínua da Universidade enquanto espaço e veículo de transformação, para além da sua função de formação.

Continuidade e transformação são, aliás, a meu ver, os dois principais vetores de desenvolvimento da Universidade; e a respetiva articulação coerente, eficaz e orientada para resultados, o seu maior desafio.

É fundamental assumir em toda a plenitude a infinita riqueza da história da Universidade de Coimbra, os 731 anos de património intelectual, científico, humanista, artístico, político e de intervenção social e cultural, para além do património arquitetónico e cultural que deu à Universidade de Coimbra o estatuto UNESCO de Património da Humanidade. Este reconhecimento não constitui, no entanto, um lugar de chegada, mas de partida, na medida em que aumenta a nossa responsabilidade quanto à sua preservação e valorização, uma exigência que se projeta para além do património arquitetónico, abrangendo também o património museológico e o tesouro que é a Biblioteca Joanina.

Estes 731 anos chegam-nos, pois, carregados de riqueza, mas com uma enorme responsabilidade associada: a de, muito para além de honrar e preservar o património cultural, científico e pedagógico construído ao longo de mais de sete séculos, o dinamizar, enriquecer, reinventar e o colocar de forma ativa, dinâmica e diferenciadora ao serviço da comunidade. De toda a comunidade, quero dizer: em primeiro lugar, da comunidade académica e do conhecimento, da investigação, da criação intelectual, do pensamento crítico que nessa comunidade se desenvolve. Mas também ao serviço da sociedade em geral, obrigatoriamente. A história da Universidade tem de ser uma ‘história do tempo presente’. A Universidade cresce por dentro para crescer para fora. Não é um fim em si mesmo, mas um fator crítico de desenvolvimento – desde logo, da comunidade onde diretamente se insere.

E nessa medida, é essencial a ligação dinâmica e interativa à cidade de Coimbra; captar e reconquistar a cidade, as suas empresas, a sua cultura e as suas pessoas para a Universidade, contribuindo de forma pragmática para o seu desenvolvimento, intervindo criticamente no seu crescimento. Numa dinâmica que funcione em favor de ambas, cidade e Universidade. Nós, na cidade, e a cidade em nós, olhando para outros exemplos, como Oxford, Cambridge, Heidelberg, Harvard, que estão ao alcance de Coimbra e da Universidade de Coimbra reproduzir, com vantagem.

A internacionalização da Universidade de Coimbra, hoje fundamental para qualquer Escola, é já uma realidade, demonstrada pelo número de alunos estrangeiros e internacionais que atrai. A internacionalização é, seguramente, uma das maiores fontes de criação de valor para a Universidade, e que importa continuar a desenvolver em todas as suas dimensões.

Falo, desde logo, como ex-aluna desta Universidade, que integrou o primeiro grupo de 4 alunos portugueses a aceitar o desafio Erasmus, em 1988. A Universidade de Coimbra integrou, no final da década de 80, o então chamado ‘Grupo de Coimbra’, constituído pelas 5 Universidades fundadoras do Programa Erasmus. Posso hoje dizer que essa experiência, ao tempo tão excepcional, foi determinante na minha formação, no meu crescimento pessoal, na abertura de horizontes e na compreensão, numa fase precoce, da enorme riqueza que existe na diversidade. Hoje, o Programa Erasmus é porventura o maior responsável pela mobilidade natural dos estudantes europeus, mas de toda uma geração, com toda a riqueza que essa mobilidade importa, em termos sociais, culturais, económicos e políticos. No desenvolvimento de gerações mais ágeis, mais abertas e mais inclusivas.

Trabalhar a internacionalização em todas as suas dimensões é hoje um imperativo para qualquer Universidade. A captação e disseminação de talento também a nível internacional, envolvendo não só os alunos, mas também docentes e investigadores, parcerias produtivas com Escolas e Centros de Investigação estrangeiros, oferta científica e cultural, dinamização de programas de intercâmbio internacional de docência e investigação são críticos para o desenvolvimento de uma Universidade de referência.

Aqui, tendo em conta a realidade específica da Universidade de Coimbra e o muito que tem vindo a ser feito neste sentido nos últimos anos, o maior desafio é o de alcançar uma conjugação hábil entre a abertura à cultura europeia e à cultura dos povos da língua

portuguesa. Uma Universidade verdadeiramente internacional, para além da "Universidade comum de toda a língua portuguesa", como lhe chamou um Professor desta Universidade. A este propósito, é de inteira justiça enfatizar o esforço da reitoria na consolidação da abertura da Universidade de Coimbra a outros países, como a China e a Índia. E ainda sublinhar a excelente resistência da Universidade de Coimbra em plena pandemia quanto à atração de estudantes internacionais e de Erasmus. A natural diminuição da procura internacional foi muito menor na UC do que a média nacional e mesmo europeia.

O processo de internacionalização contribui de forma crítica para a aceleração do conhecimento e da criação artística, para o aprofundamento dos valores humanistas e para um projeto e um propósito mais globais de formação de gerações mais inclusivas e menos limitadas por preconceitos de qualquer natureza – política, religiosa, racial, etc.

A transformação contínua da Universidade de forma nenhuma pressupõe recusar o passado, o legado, a riqueza destes 731 anos. Pelo contrário, implica assumi-los em toda a sua plenitude, e multiplicá-los, alavancá-los, aceitando as vertiginosas mudanças de contexto e mais do que isso, participando ativamente nessa mudança. A Universidade não deve, nem pode, limitar-se a degustar os seus sucessos, nem a sofrer e a reconhecer a mudança, sob pena de ficar sempre atrás de dela. Tem, isso sim, de fazer parte e de ser um elemento ativo da transformação – pedagógica e científica, desde logo, mas também cultural, tecnológica, social e política, no sentido mais nobre e mais generoso desta palavra.

A transformação de que depende a evolução da Universidade de Coimbra, como de todas as escolas e instituições, assenta, em suma, num posicionamento proativo e dinâmico em lugar de reativo, perante os sinais – e são muitos – de transformação da própria realidade em que a Instituição se insere e que procura servir.

Temos, creio, suficientes sinais de capacidade e vontade da Universidade de seguir esse caminho.

Esta cerimónia de celebração do Dia da Universidade em 2021, a partir da Sala dos Capelos, mas com a participação de alguns de nós e a sua transmissão por meios telemáticos, constitui um impressivo exemplo de adaptação rápida, apesar de tão imprevista, a uma realidade que se transformou abruptamente precisamente há um ano,

que transformou as vidas de todos nós, em tantos casos com consequências dramáticas, e que transformou de forma definitiva a Universidade.

O futuro impõe uma estratégia lúcida para o tempo pós-pandemia, que combine, em doses certas, o que se aprendeu e as competências adquiridas e aceleradas desde há um ano, com as virtudes dos modelos de ensino e investigação já existentes. Uma estratégia que responda às exigências do momento presente, mas com foco no longo prazo, face à vertiginosa evolução e mutação do contexto social, económico e às imperativas solicitações da digitalização, da inovação e da sustentabilidade.

Neste percurso da digitalização e da utilização das novas tecnologias, hoje um pressuposto elementar de qualquer transformação, foi imprescindível desde o início, e continua a sê-lo, o apoio incondicional dos stakeholders que se associam ao projeto da Universidade de Coimbra e da acessibilidade de todos os seus alunos, docentes, investigadores e funcionários a ferramentas essenciais para o seu desenvolvimento. Disso mesmo é exemplo o apoio que o Banco Santander, aqui representado pelo seu Presidente, Dr. Pedro Castro e Almeida, tem assegurado, desde 2003, quando o acesso às novas tecnologias constituía ainda um luxo e um privilégio de muito poucas Universidades, disponibilizando à Universidade e à sua comunidade equipamento e serviços que foram, e continuam a ser, essenciais.

Minhas senhoras e meus senhores:

Celebramos hoje, para além Dia da Universidade, a distinção de Sua Eminência o Cardeal D. José Tolentino de Mendonça com o Prémio da Universidade de Coimbra. Não me cabendo a mim o seu elogio, não posso deixar de me congratular com a distinção de tão extraordinária Personalidade como vencedor deste prémio, porque se trata de uma Personalidade e de um Homem de cultura, cuja mensagem e atitude de generosidade, inclusão, comunidade, equilíbrio, tolerância, inovação, justiça, serviço e paz corresponde exatamente a tudo aquilo que a Universidade de Coimbra deve almejar.

A Universidade de Coimbra nasceu há 731 anos para servir o ensino, o conhecimento e a investigação. Superou, ao longo dos séculos, esses objetivos, alargando o seu contributo ao pensamento e intervenção políticos, à cultura e à comunidade, liderando verdadeiros movimentos de transformação pedagógica, científica, social e política.

Para continuar a fazê-lo, e crescer, superando fronteiras, unindo culturas, praticando a excelência no ensino e afirmando-se cada vez mais como uma Instituição de referência ao serviço do saber e da sociedade, a Universidade de Coimbra, como qualquer instituição, precisa de ter clara a sua missão, de linhas de orientação estratégica claras, de objetivos bem definidos e de estruturas fortes, coesas e transparentes de governação para dar cumprimento a esses objetivos. Precisa de princípios e valores inspiradores. Precisa de robustecer um sentido de inclusão, coesão e pertença, de orgulho coletivo, mas generoso, focado nas pessoas e na criação de valor para a sociedade.

Precisa, numa palavra, de um propósito.

A Universidade de Coimbra, como qualquer outra Universidade, não é e não pode ser um fim em si mesmo. Existe para a comunidade, a sociedade e os ideais que serve. Existe para os alunos, para a sua formação integral e para o seu futuro, e para, através deles, fazer melhor o futuro de todos. Existe para a investigação, e para os avanços que esta permite, mas apenas se colocada ao serviço de todos os cidadãos e da sociedade, porque a investigação em si mesma, não partilhada e não materializada, é estéril, para além da eventual satisfação intelectual e individual que possa proporcionar aos que a praticam. Existe para promover a colaboração, a inovação, o bem-estar e a diversidade enquanto bens supremos da vida em sociedade. Existe para a sociedade e a realização de bens e interesses comuns, que transcendem quaisquer interesses isolados e não são compatíveis com um modelo universitário em silos.

Encontramo-nos num momento absolutamente crítico da história de Portugal, da Europa e do mundo. No limite, todos os momentos o são, e devem como tal ser reconhecidos pela Universidade, com a curiosidade, a capacidade de espanto e o compromisso com as respostas que esta deve oferecer.

Mas este é, verdadeiramente, um momento particular, pelo conjunto de fenómenos sociais, económicos, políticos, tecnológicos, ambientais, etc. que aqui confluem. Encontramo-nos numa encruzilhada no tempo, entre aquilo que esperamos serem os primeiros sinais do final da pandemia e o início de um período que se antecipa duríssimo, pelos efeitos económicos e sociais gerados pela crise, que estão ainda para se fazer sentir em toda a sua extensão. Entre o desalento das muitas perdas e o incentivo da recuperação. Entre a força da inovação e da digitalização, que esta circunstância acelerou, e as vulnerabilidades e riscos que estas abrem. Numa Europa pós-Brexit, à

procura de uma nova coesão e convergência, mas ferida pelo afastamento do Reino Unido, uma poderosa jangada de pedra, como a de Saramago, a afastar-se do velho continente. Uma Europa pressionada pela tragédia das migrações e das tentações egoístas e extremistas que ameaçam a integridade dos princípios humanistas que fizeram deste continente, ao longo do tempo, o melhor e mais generoso dos continentes. Num mundo ameaçado pela tragédia ambiental e climática, pelo agravamento das desigualdades sociais e por tendências e fenómenos políticos autoritários e autocentrados.

Nesta encruzilhada, todos temos um papel a cumprir. A Universidade de Coimbra está comprometida com o futuro, e com um propósito ao serviço do futuro, contribuindoativamente para a recuperação da sociedade, da economia e do país.

O sucesso deste compromisso e propósito depende, no entanto, da sua organização, da sua governação e da sua inspiração. Depende da diversidade da resposta de cada Faculdade, mas também da transversalidade dos objetivos e da sua capacidade de elas se unirem em torno deste projeto comum. Depende de conseguirmos que o todo seja mais do que a soma das partes. Depende das regras, dos órgãos e das práticas de governação, que se querem ágeis, mas transparentes, e da prestação de contas aos nossos pares e à comunidade. Depende de a Universidade incorporar a inovação em todas as suas dimensões e manifestações, colocando-a ao serviço do ensino e da investigação, mas também da própria gestão. Depende de um sistema de financiamento sustentável, incluindo fontes de financiamento diversificadas, públicas e privadas, e uma gestão absolutamente profissional. Depende da sua capacidade efetiva de inclusão, oferecendo as mesmas oportunidades a todos, independentemente de crenças, raças, religiões, capacidade financeira, origem, género ou opções, através de instrumentos financeiros poderosos e criativos, focados em proporcionar condições de justiça e igualdade no acesso ao conhecimento. Depende da instituição e da difusão de uma cultura efetiva de tolerância, multiculturalidade e diversidade. Depende da coragem de não alinhar em dogmas e chavões fáceis, de não cair no erro e tentação do chamado ‘*confirmation bias*’, que nos leva a aceitar apenas as evidências que reforçam a nossa percepção de sucesso e a rejeitar aquelas que o questionam ou contradizem. De assumir a igual importância de todos os ramos e dimensões do saber, a transversalidade das humanidades e das ciências exatas, a pobreza de uma escola e de um país que não valorize em igual medida as

humanidades, as artes, as ciências e as tecnologias. Mas depende também de assumirmos onde podemos, em cada momento, reforçar e explorar de forma útil o prestígio que assumimos em cada área do conhecimento, sem deixar que as luzes ofuscantes dos rankings nos turvem a visão, sem ignorar todavia que o mundo hoje se faz de comunicação, e que não basta sermos, é preciso que se saiba que somos. Depende de recusarmos a rotina, o lugar de conforto e por vezes de confronto estéril, e de explorarmos novos caminhos.

Recorro, para terminar, à riqueza das palavras de D. José Tolentino de Mendonça, que poderiam ser, hoje como sempre, um lema da Universidade de Coimbra e se colam àquilo que para ela devemos aspirar:

“A rotina não basta ao coração do homem. O grande desafio é, em cada dia, voltar a olhar tudo pela primeira vez, deslumbrando-se com a surpresa dos dias. É reconhecer que esse instante que passa é a porta por onde entra a alegria.”

A Universidade de Coimbra, o seu grande projeto e o seu propósito contam com o Conselho Geral para este desafio.

Muito obrigada.

Gabriela Figueiredo Dias

Presidente do Conselho Geral da UC

Lisboa, 28 de fevereiro de 2021